

O ASSOMBRO DE UMA OKUPAÇÃO

Fantasma e o acontecimento projetual

Rovenir B. Duarte¹
Malu Magalhães Sanches²
Gabriela Correia Fernandes³

Resumo

O presente artigo traz uma reflexão sobre o conceito de fantasma, presente na filosofia de Gilles Deleuze, na passagem feita entre 1968 e 69: do *simulacro-fantasma* do livro *Diferença e Repetição* (2000) para o *acontecimento-fantasma* de *Lógica do Sentido* (1974). Nesta abordagem o fantasma ganha um valor positivo, testemunho dos acontecimentos que visa “contestar a identidade e (...) a perda do nome próprio” (DELEUZE, 1974, p.3). Para rastrear este fantasma, propomos investigar os acontecimentos emergentes de um encontro numa atividade projetual entre OCAS (Escritório Modelo de Arquitetura-UEL), MARL (Movimento de Artistas de Rua de Londrina) e o edifício da ULES (União Londrinense de Estudantes Secundaristas). Acontecimentos com e numa Okupação, grafada com ‘K’, um tipo de deboche sobre a necessidade de seguir um modelo, origem ou identidade. Este ‘k’ nos parece uma pista, pois não se trata da “semelhança diminuída” ou erro de cópia, pois ao invés de selecionar “boas imagens” ele pode sugerir o fantasma da “imagem sem semelhança”. Nossa busca por fantasmas nestes acontecimentos nos levou a refletir sobre o próprio ato projetual, onde os verbos infinitivos “batalhar” e “morrer” podem revelar uma forte assombração do “controle” existente no Projetar.

Palavras-chave: fantasmagorias, Gilles Deleuze, projeto de arquitetura, escritório modelo.

Abstract

This article presents a discussion of the concept of ghost, present in the philosophy of Gilles Deleuze, in the passage made between 1968 and 69: from the phantom simulator of *Difference and Repetition* (2000) to the phantom event of *Logic of Sense* (1974). In this approach, the ghost gains a positive value, a testimony of events that aims to “challenge identity and ... loss of the proper name” (DELEUZE, 1974, p.3). In order to track down this ghost, we propose to investigate the emergent events of a meeting in a project activity between OCAS (Model Office of Architecture-UEL), MARL (Movement of Street Artists de Londrina) and the building of ULES (London Union of Secondary Students). Events with and in a Okupation, written with ‘K’, a kind of mockery about the need to follow a model, origin or identity. This ‘k’ seems to be a clue, because it is not about “diminished resemblance” or copy error, because instead of selecting “good images” it may suggest the ghost of the “image without resemblance”. Our search for ghosts in these events has led us to discuss on the very design act, where the infinitive verbs “to battle” and “to die” may reveal a strong haunting of the “control” existing in the Project.

Keywords: phantasmagorias, Gilles Deleuze, architecture project, model office.

Aqui estamos nós, do Escritório Modelo OCAS, em frente a um antigo “edifício abandonado” na cidade de Londrina, diante deste corpo de tijolos e histórias. Um acontecimento: o encontro entre corpos. Estudantes, arquitetos, artistas e o edifício entrecrocando na perseguição de um projeto arquitetônico. O encontro que investigamos aqui aconteceu entre 2016-17, numa atividade projetual do OCAS da Universidade Estadual de Londrina com o grupo do Movimento de Artistas de Rua de Londrina (MARL) em um antigo “edifício abandonado” da ULES (União Londrinense de Estudantes Secundaristas). Um edifício, “abandonado” desde o final dos anos de 1990, atualmente apropriado pelos artistas do MARL para formação de uma Okupação⁴(figura 01). A letra intrusa, “K”, não nos deixa esquecer que não se trata de uma apropriação qualquer, como algo já dado como ocupado, como lembra Lima (2012), a okupação torna-se uma batalha diária, uma constante recordação da necessidade de resistir. Dentro desta batalha está o acontecimento que iremos investigar, fruto do choque e mistura dos diversos corpos presentes nesta atividade projetual, como os corpos dos professores e alunos do OCAS, os artistas do MARL e operários contratados, e o próprio edifício da okupação ou partes ali envolvidas (suas paredes, janelas, andaimes e etc.)⁵. Acreditamos que um olhar mais atento ao choque entre corpos, apoiado na visão filosófica de Gilles Deleuze, poderá nos dar uma nova abordagem sobre o acontecimento do projeto arquitetônico, como também, sobre seus fantasmas.



Figura 01 - Edifício da Okupação MARL (antiga ULES) - Londrina PR. Fonte: autores.

Retomamos o encontro, nós diante do edifício da Okupação. Nós os arquitetos temos uma atenção especial para os encontros, para os momentos quando uma parede encontra a janela, que encontra o vento, onde o homem se apóia sonhando ao avistar as estrelas. A cada encontro um novo acontecimento, ao mesmo tempo em que, a cada acontecimento, brotam diversas imagens em nossa mente, diretamente relacionadas com o que percebemos e desde onde conseguimos projetar. Que tipos de imagens são estas? Como podemos pensar sobre nossa percepção e a construção destas imagens? Podemos pensar que estas imagens estão diretamente relacionadas aos corpos materiais ali presentes (paredes, janelas, edifício, artistas e etc.), contudo, parece que nós arquitetos nos dedicamos demasiadamente a estes corpos materiais, nos descuidando realmente dos acontecimentos advindos dos encontros. Os olhares devotados ao corpóreo parecem evitar os fantasmas ali presentes, responsáveis diretos pelo o que percebemos. Esta investigação busca, a partir do pensamento proposto por Gilles Deleuze, entre 1968-69, rastrear o incorpóreo presente nos acontecimentos, em outras palavras, procuramos os fantasmas oriundos dos choques e misturas de corpos. Este filósofo francês busca no acontecimento-encontro uma forma de oposição

4 Típica atividade de ocupação de propriedades em desuso para transformá-las em espaços com finalidade social e cultural. Atividade semelhante a diversas experiências na Europa com diferentes nomes e períodos, como os *Crackers* na Holanda dos anos 50, *Besetzers* na Alemanha e *Squatts* na Inglaterra nos anos 60 e *Okupas* na Espanha nos anos 90 (MONSALVE ROMÁN, 2013).

5 Uma vez que identificamos os principais corpos dos acontecimentos que iremos abordar, é necessário destacar que o entendimento deleuziano vai além da concepção fenomenológica do Eu. Como diz o filósofo, “caracteriza-se por uma ausência de subjetivação paralela à presença do sujeito na cena” (DELEUZE, 1974). O acontecimento aqui não é uma representação da ação ou vontade do sujeito, ao contrário, ele abre o movimento através do qual libera singularidades impessoais e pré-individuais.

1 Professor Doutor, Depto. Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina.

2 Arquiteta e colaboradora externa na Universidade Estadual de Londrina.

3 Mestranda, programa de Arquitetura na Universidade Estadual de Londrina.

Figura 02 - Parede interna da Okupação.
Fonte: autores.



ao modelo do reconhecimento, deste modo, no lugar de depositar nossa atenção nas imagens reconhecidas, o objetivo desta abordagem, como explica Martinez Mellado (1987), é fazer nascer uma sensibilidade nos sentidos. Uma busca pelo nascimento das imagens, pelos incorpóreos ali presentes, pelo projeto arquitetônico desde seu avesso. Seguramente, podemos pensar arquitetura pelos seus acontecimentos, porém, realmente estaríamos atentos a estes acontecimentos?

Primeira Parte: Pensamento e conceitos deleuzianos sobre o fantasma

Para entendermos como estas imagens brotam e o papel dos incorpóreos neste processo, antes, devemos esclarecer alguns aspectos do pensamento que Deleuze construiu entre 1968-69, da passagem do *simulacro-fantasma* em “Diferença e Repetição” (2000) e o acontecimento-fantasma em “Lógica do Sentido” (1974). Esses conceitos se referem a “fantasmofísica” de Deleuze (FOUCAULT, 1997), uma espécie de capítulo de sua grande teoria do sentido.

O pensamento deleuziano parte das conceituações de imagem de Platão: os ícones e os simulacros. Tomemos uma das paredes do edifício da Okupação (Figura 02) para relembrarmos estas conceituações de imagem. Frente ao nosso encontro com a parede nos perguntamos: o que ela é mesmo? Uma “parede”, igual e diferente a todas as outras. Por esta razão, conhecer essa parede não se trata de uma tarefa fácil. Por um lado, esta parede é única em sua propriedade física singular, que apenas a temos através do sensível, do ilusório mundo das sensações. Por outro lado, está “na cara” que se trata de uma Parede, com “nome próprio”, uma definição baseada em sua generalidade abstrata, assim, um nome já a explica e a define a partir de uma idéia inteligível de parede. De um lado, esta parede se revela de modo singular a nós, não se repetindo jamais, a cada momento trata-se de uma nova parede, cada reentrância parece nova, a cada momento nos parece maior ou menor. Por outro, somente podemos dizer que se trata de uma parede porque ela repete todas as outras que já conhecemos, trata-se de reconhecimento. Na primeira visão, as imagens revelam o mundo das sensações e das coisas, a cada momento podemos perder a imagem anterior, onde o pequeno vira

grande, o feio torna-se interessantemente belo, ou o áspero tende a alisar-se. Um devir enlouquecido. No segundo mundo, das idéias, o eterno e imutável consegue sobreviver, somente aqui podemos dizer que cada parede é logicamente igual às outras. Como observa Sales (2006), através de conceitos, no intelecto, essências singulares das coisas passam a ser universais, deixando de ser física para tornarem-se lógica. Neste segundo mundo o caráter fantasmagórico é reprimido.

O que tudo isso tem a ver com ícones e simulacros? Podemos facilmente reconhecer o pensamento de Platão na dualidade acima, entre o sensível e o inteligível. O ícone seria uma imagem que remeteria ao mundo das idéias, uma espécie de cópia deste mundo, assim, qualquer imagem de parede nos remeteria a Parede (nome próprio) superior e geral. Contudo, Deleuze se interessou pela segunda imagem, o simulacro, que aparece rapidamente em República e Sofista de Platão, normalmente contraposto ao termo “cópia”. Segundo Sonna (2014), a verdadeira dualidade platônica entendida por Deleuze seria entre a cópia e o simulacro (e não entre o sensível e inteligível), pois é no simulacro que surgiria a diferença ignorada na imagem do ícone, que fingia se esquecer das diferenças em prol de manter a mesma imagem de Parede. Como um gato, que para não ser um leopardo, precisa valorizar suas semelhanças com uma Ideia universal de gato, ou seja, manter sua linhagem. Uma espécie de operação de mimese baseada na cópia, que produz “boas-imagens” ajustadas a um Modelo ou Ídolo. Contudo, seria na imagem do simulacro que brota uma percepção do incorpóreo, um fantasma que assombra estas “boas-imagens”. Uma espécie de “imagens ruins” que somente aparentariam ter as proporções corretas, graças a um engano, como um tipo de ilusão⁶, essas imagens seriam os simulacros. De um lado a cópia do Modelo, o ícone (*eíkon*), de outro, o simulacro do engano (*phántasma*): *cópias-ícones* e os *simulacro-fantasmas*.

Aqui se delinea o objetivo de Deleuze, dedicar-se aos fantasmas, um tipo “rebeldes subterrâneos”, habitantes das fronteiras, que contestavam qualquer identidade e relação com os ícones e modelos, em prol da “...perda do nome próprio” (DELEUZE, 1974, p.3). Os fantasmas já não garantem as características imutáveis legitimadas pela letra maiúscula da Parede, esta ganha vida a cada novo olhar, a cada novo encontro, ou melhor, a cada novo acontecimento. Assim, diante daquela parede, poderemos negar a ânsia por nomes, modelos, ícones ou ídolos que nos ajude a distinguir as imagens autênticas das inautênticas. “Aqui estamos nós, do Escritório Modelo OCAS, em frente a um antigo edifício abandonado...”, olhávamos atentos para aquela parede, mas como deixamos escapar os fantasmas que ali habitavam?

Do Simulacro-fantasma-1968 para o Acontecimento-fantasma-1969: a parede a descascar-se, o fantasma reside no acontecimento

Um ano após Deleuze distinguir o *simulacro-fantasma*, em 1969, propõe pensar o fantasma vivente no acontecimento, ou seja, nos choques e misturas de corpos. Ele retoma o fantasma como uma espécie de efeito incorpóreo que habita a superfície dos corpos, que nos possibilita novas percepções a partir dos encontros. Por esta razão não nos interessa mais aquela parede isolada, ainda que na verdade nunca esteve isolada, afinal sempre esteve misturada conosco que a observava. Agora trataremos de um acontecimento, o momento no qual os okupantes decidiram descascar a parede com o objetivo de pôr a vista seus tijolos. Como explica Foucault (1997), falamos de acontecimentos como efeito entre corpos que entrechocam, que se misturam e

⁶ Como diz o Estrangeiro em “Sofista”: “E a arte que produz simulacros, não imagens, não seria mais acertado denominá-la ilusória?” (PLATÃO, 1972).

se separam: homens e parede. Este acontecimento, que para Deleuze (1974) não pertence à ordem dos corpos e sua fisicalidade, deve ser pensado como incorpóreo pairando sobre as superfícies destes de modo independente. Corpos como causas (okupantes, parede, parede velha...) e os acontecimentos como efeitos (o descascar do homem instrumentado sobre a parede)⁷.

A ideia deleuziana de acontecimento não se prenderia ao físico, sujeito ou presente⁸, ao contrário, o filósofo propõe um acontecimento incorpóreo (irredutível à fisicalidade do mundo), com sentido neutro (sem a dependência das significações do sujeito), vinculado à simultaneidade de passado e futuro (um tempo múltiplo do devir não preso ao presente). O acontecimento não estaria mais aprisionado aos okupantes, à parede ou ao momento do descascar. Os acontecimentos seriam fantasmas, uma espécie de “extra-ser” (DELEUZE, 1974). Assim, na visão de Deleuze, existiriam os corpos (parede, estudante, okupantes, instrumentos...), as propriedades físicas (parede descascada, parede envelhecida, parede clara...), e o acontecimento-fantasma (descascar, envelhecer, clarear...). Deleuze (1974) explica assim, o “verde” designa uma qualidade na coisa, um estado da folha, mas ao contrário, o “verdejar” manifesta uma mistura dos corpos, como a da árvore e o ar onde a clorofila coexiste. O “verdejar” não revela o estado do ser ou a qualidade na coisa, “mas um atributo (...) que não existe fora da proposição que o exprime designando a coisa” (DELEUZE, 1974, p.22). O acontecimento-fantasma estaria numa “maneira de ser” (DELEUZE, 1974, p. 9) que nos faria alcançar o sentido, assim, através dele a tal parede adquiriria sentidos distintos para nós a cada encontro, produzindo diferentes imagens. A pergunta parece cada vez mais insistente, como alcançaríamos esse incorpóreo? Esta ideia de fantasma de Deleuze não se daria tão facilmente a nossa consciência, como explica Martínez Mellado (1987), a linguagem é o aspecto fundamental para esta tarefa, afinal ela dá realidade aos possíveis. Explicado de outro modo, estes fantasmas manteriam uma relação muito especial com a linguagem, relacionados com o verbo na sua forma infinitiva e em seu tempo deslocado (“verdejar”, “descascar”, “envelhecer”, “morrer”, “batalhar”...).

Estes acontecimentos-fantasmas são efeitos que não existem fora das proposições, mas não devem ser confundidos com a expressão. Como destaca Husserl, não devemos nos esquecer que uma coisa é o que a expressão tenta expressar, outra coisa é o que de fato consegue ser expresso. Deste modo o fantasma presente na expressão pode designar uma coisa exterior a ela. Como nos lembra Foucault (1997), sempre paira uma suspeita que a expressão não diz exatamente o que diz, de um lado poderia sempre existir um significado por de trás (*allegoria*), de outro, a proposição parece rebaixar a ideia do que se fala, afinal muitas coisas falam, como o mar, a parede descascada, ou a face de uma criança (*semäion*, uma linguagem sem signos). O sentido paira sobre todos estes acontecimentos possibilitando a expressão ser expressa de algum modo. Em resumo, é necessário pensar na distância entre a expressão e seu expressado, pois ali mora um fantasma. As imagens se revelam para nós sempre afetadas por estes fantasmas.

7 Deleuze (1974) fala dos efeitos como ações de um corpo sobre o outro (o descascar do homem instrumentado sobre a parede), mas que não são os corpos (o homem instrumentado e a parede), nem seus estados ou propriedades físicas (a parede descascada ou o instrumento desgastado).

8 Martínez Mellado (1987) levanta três entendimentos sobre o acontecimento na filosofia: neopositivista, fenomenológico e histórica. Na visão do neopositivismo o acontecimento se reduziria ao processo material ao vincular-se a fisicalidade do mundo. Na visão fenomenológica o acontecimento estaria na ordem do problema do sentido, pois supunha uma significação prévia. Esta visão expressaria o mundo disposto ao redor do “eu”, onde este definiria o quando e o onde se produziria o acontecimento. Na última visão, a da filosofia da história, o acontecimento estaria preso ao ciclo do tempo, onde fica implícita uma lógica da essência fundada na memória. Assim, desde estas visões o acontecimento estaria preso ao físico, ou ao sujeito, ou ao presente.

Malufe (2011) nos ajuda a entender a ideia deleuziana de sentido, observando que este ruma ao inverso do como o “sentido” é normalmente pensado, ou seja, como algo dado previamente, que mora escondido no enunciado esperando ser encontrado para emergir⁹. A concepção de “sentido” para Deleuze visa libertá-lo de tal ideia de origem, verdadeiro e bom. Como explica Martínez Mellado (1987), o sentido deleuziano não trata do “sentido comum” ou do “no bom sentido”, das visões da representação, do Modelo ou do Correto. O sentido deleuziano dependeria do encontro entre corpos, tornando-se um efeito produzido e disparado nestes encontros, ou seja, a partir do acontecimento-fantasma. Como diz o filósofo, “é difícil responder aqueles que julgam suficiente haver palavras, coisas e ideias” (DELEUZE, 1974, p. 21). O sentido não estaria preso aos elementos lingüísticos, ainda que dependa da linguagem para se dar, ele é quem pode fazer a expressão ser expressa. O sentido estaria na fronteira, uma ponte que liga palavras e coisas e, ao mesmo tempo, permitiria expressar a diferença da imagem rebelde: o simulacro (ou *phántasma*).

Deleuze aceita esse mundo que diante de nossa percepção se transforma constantemente que, a cada encontro, revela novos sentidos. O que teima escapar dos modelos, nomes ou ídolos, que produz conexões inesperadas, ignorando os métodos de seleção em prol do correto ou original. Poderíamos, de modo resumido, dizer que a ideia deleuziana se volta para o tal mundo furtivo que a filosofia platônica desconsiderou, em prol de um mundo ideal. Assim, os fantasmas que sobem a superfície nos revelariam a força da vida conectando e re-conectando linguagem e coisas, fazendo o mundo e as imagens adquirir algum sentido a nossa frente, nos orientando a pensar e projetar.

Segunda Parte: A okupação e seus fantasmas: uma reflexão sobre o projeto

Nesta segunda parte, após o entendimento da teoria deleuziana sobre os fantasmas, como também, suas relações com o acontecimento e o sentido, voltamos ao tema do artigo: o acontecimento e seus fantasmas oriundos do encontro entre OCAS, MARL e a Okupação. No primeiro tópico desta segunda parte, nos focamos em destacar alguns “nomes próprios” possivelmente associados com cada corpo envolvido no encontro. No segundo tópico, buscamos situar melhor o papel do verbo infinitivo em nossa metodologia para rastrear o acontecimento. Neste momento traremos o que Foucault (1997) chamou de “acontecimentos puros”: batalha e morte. Aqui, a batalha constante da ação de um okupar se faz presente em nossa reflexão projetual. Por último, apresentaremos a narração sobre os encontros e acontecimentos nesta atividade projetual (OCAS-MARL-Okupação), em suma, uma perseguição por fantasmas.

(a) *Os corpos e as galáxias dos “nomes próprios”: o reflexo dos ídolos no jogo das aspás*

Diante de cada corpo, nossa percepção pode insistir na noção de modelo, onde nomes próprios visam definir uma imagem fixa e definitiva sobre este, ou seja, a boa imagem. Assim, uma parede se destaca de uma mureta ou divisória. Como explica Deleuze (1974), esta noção de modelo, presente nos “nomes próprios”, objetiva selecionar as “boas imagens” e eliminar os simulacros que revelam as diferenças. O modelo não visa opor-se ao mundo das imagens (ícones e simulacros), mas selecionar apenas um tipo delas. Neste sentido, a grafia da Okupação com “k” já nos aponta a assombração de

9 Malufe (2011) comenta a frase cotidiana de um leitor, “ah, agora entendi o sentido deste texto”, como se algo estivesse ali nas linhas antes do acontecimento. Esta visão corriqueira de sentido como preexistente remete-se a um valor “original”, onde no “ah...” está implícito um sentido independente do encontro entre corpos, preexistente, fixo e inabalado.

um simulacro-fantasma. O “k” não pode ser pensado como um simples erro de cópia, culposo pela “semelhança diminuída” (DELEUZE, 1974), ao contrário, trata-se de um simulacro que parece zombar das seleções feitas pela “boa imagem”. Uma espécie de demônio que instauraria a “imagem sem semelhança” do simulacro (DELEUZE, 2000), deste “K” parece brotar uma intuição e crença que existia ali espaço para se tentar rastrear fantasmas e refletir sobre o projeto arquitetônico.

O que Deleuze (1974) chamou de “nomes próprios” estão por todos os lugares, predicam os corpos, refletindo nestes um tipo de identidade ou modelo que nos impele a copiar através dos ícones. Por esta razão, nos parece interessante pensar nestes “nomes” que orbitam nossos três grandes corpos deste acontecimento. Um jogo de letras maiúsculas e aspas. Começamos pelo OCAS, intitulado como um escritório “Modelo” formado em 2004, que carrega consigo todo lastro de excelência de uma instituição de ensino “Superior”, suportada pela presença de professores “Doutores” envolvidos em extensão, uma extensão do “Conhecimento” universitário. Uma série de palavras habitantes nas alturas, de um mundo platônico, orbita estes corpos, palavras conectadas a palavras, formando uma imagem-ícone. No mesmo sentido temos o MARL, um movimento formado em 2012 com diversos grupos de artistas de rua dedicados a apresentações em espaços “Públicos”, cujo objetivo é “Democratizar” a “Cultura” através de uma arte realmente acessível. Eles se propuseram a formar uma ocupação, semelhante à experiência espanhola nos anos 90 dos *Okupas*, fundamentada por princípios de vivência “Coletiva” e “Libertária”. Como Monsalve Román (2013) e Lima (2012) destacam, este tipo de experiência segue uma lógica de “Cooperação Espontânea e Voluntária” pautada em uma ideia “Anárquica”.

O ambiente deste encontro é o edifício abandonado da antiga ULES, um corpo não menos importante. Um prédio que carrega consigo um “Passado” relacionado com “Lutas Estudantis” no tempo de ditadura, como também, bailes nas décadas de 1960-70 da “Juventude” de tempos “Memoráveis”. Não se trata de um simples fundo para um encontro, mas um corpo que se choca e mistura com as pessoas do OCAS e do MARL para a produção dos acontecimentos. O que podemos ver nestas descrições, trata-se de uma infundável lista de “nomes próprios” buscando definir os corpos a partir de seleções de boas-imagens. Contudo, como lembra Deleuze (1974), o problema é que estas imagens, ao tornarem-se reconhecidas pelos modelos, ultrapassam a realidade e alcançam o mundo das alturas. Assim temos duas imagens, as imagens-cópias que formamos das coisas selecionadas pelos Ídolos e Modelos e as imagens que estas primeiras buscam fugir, os simulacros. Esta última imagem trata das diferenças que ali habitam, que desde as profundezas dos corpos emergem a superfície como fantasmas.

(b) O verbo infinitivo presente na morte e na batalha: a questão do projeto

Como detectar estes acontecimentos-fantasmas? Um caminho poderia ser através da linguagem, como explicamos anteriormente, seria necessário entender como o sentido surge no expressado. Para Deleuze (1974), estes acontecimentos-fantasma são expressos por verbos no infinitivo, pois este tipo de verbo não é uma conjugação do passado, presente ou futuro, ao contrário, refere-se à presença. Desta forma, acreditamos que preciso buscar este verbo no infinitivo do acontecimento, aquele que não se dobra ao tempo do presente, sem antes trazer junto o passado e futuro (tempo “*aion*”)¹⁰. Um verbo despreocupado com o momento específico, como também, neutro em relação aos sujeitos envolvidos (impessoal), ou mesmo, com a fisicalidade

¹⁰ Deleuze (1974) comenta que há algo de angustiante no acontecimento-puro, pois trata sempre de algo que acaba de acontecer e que vai acontecer, mas nunca algo que passa.

do edifício e os outros corpos (incorpóreo). Mas, como poderíamos encontrar estes verbos no infinitivo? Deleuze talvez nos dê uma pista, quando comenta sobre dois acontecimentos-puros, uma espécie de “acontecimentos-árvore” que trata dos “acontecimentos em sua essência (...) que cada corpo pode captá-los a um nível de efetuação diferente” (1974, p. 103). Entre todos, estes acontecimentos-puros não tratam de verbos quaisquer, como explica Foucault (1997), eles podem ser efetuados de muitas maneiras, mas em essência seriam a “batalha” e a “morte”.

Estes dois acontecimentos-puros estariam expressos no “batalhar” e no “morrer”, um duelo entre as forças que resistem (neutra e impassível em relação aos vitoriosos e vencidos, valentes e covardes) e as outras que acatam o que não se pode escapar (afinal um soldado morto já não é mais valente nem covarde). Tratam de dois verbos no infinitivo que assombam cada choque e mistura de corpos, que se desdobram em outros acontecimentos, que aproximam linguagem e corpos, fazendo emergir um sentido. Assim, a ocupação revela uma ação diária de ocupar, assombrada pelo “batalhar” e o “morrer” a cada encontro, revelando diversos sentidos para cada ação.

A partir desta leitura, buscaremos entender esses dois acontecimentos-puros próximos as atividades de projeto neste encontro entre OCAS, MARL e a Ocupação. Ao mesmo tempo, vamos procurar os “nomes próprios” que visam produzir a cópia e repelir o simulacro, pois acreditamos que os rastros destes fantasmas poderão estar perto dos Modelos ou Ícones que estes visam “contestar a identidade” (DELEUZE, 1974). Assim demarcamos nosso processo de trabalho, primeiro encontrar os termos fundamentais para, então, buscar as ações de “desfundamento” (FOUCAULT, 1997), ou as identidades para ações que constroem as “diferenças”. Os verbos por detrás da “batalha” e “morte”, que nos dão fantasmas ou simulacros, revelando uma imagem sem semelhança. Rastrear um perverso “jogo epidérmico” que desconfia de todo o entendimento superior do “bom” ou “ideal”, interessado naquilo que está vivo na realidade do acontecimento.

Que “nomes próprios” poderiam estar associados ao convite do MARL para o OCAS? Seguramente diversos, mas nos interessa o nome que provavelmente eles foram diretamente associados, algo como uma “Especialidade”, o desenvolvimento de um “Projeto”. É verdade que não podemos confundir seu propósito com sua especialidade, mas de qualquer forma, a motivação que fez o MARL procurar o OCAS está fortemente relacionada com sua necessidade de um “Projeto”. Por outro lado, possivelmente a palavra projeto possa ter diferentes sentidos entre OCAS e MARL, contudo nos interessaria verificar como estes sentidos se construiriam nos encontros deste acontecimento, pois ali estariam fantasmas desconstruindo o “bom sentido” originalmente ou previamente elaborado. Cabe-nos, então, pensarmos um pouco sobre alguns “nomes próprios” comumente envolvidos na ideia da atividade projetual.

Estes “nomes” predicam a atividade ao mesmo tempo em que a elevam a um mundo superior, construindo uma imagem correta, muitas vezes única e dualista. O “Projeto” é uma atividade de projeção baseada na ambição de “Predição”, assim se torna assombrada por um desejo de antever e prescrever os futuros comportamentos e eventos. Como diz Rajchman (1998), o projeto toma o futuro através de um “ar de evidente”, e para isso se baseia em outros nomes próprios, afinal palavras conectam-se com palavras em um ciclo infundável. Por esta razão o projeto adquire uma espécie de ferramenta de “Controle”, na qual algum tipo de “Ordem” plasma-se em “Desenhos - Técnicos” com objetivo de controlar ações de pessoas, luzes, ventos e etc. Com este intuito de predizer e dar esta aparência de “evidente” aos acontecimentos vivos e inesperados, outros nomes surgem como “Programação” (latente na ideia de “programas funcionais”), “Diretrizes” (que incorporam todo um arcabouço tecnicista que nos aproximaria da “boa imagem” do correto), ou ainda “Normas”, “Regras Compositivas” e etc. Sobre tudo isso, de modo neutro, estaria o fantasma, indiferente

Figura 03 - Reunião de “quebra-gelo” na Okupação.
Fonte: autores.



às determinações de controle e descontrole, ou mesmo, ordenado e desordenado. A questão estaria em qual sentido cada linguagem destas poderia ser expressa.

Estaríamos tratando de uma “fantasmofísica” (FOUCAULT, 1997) que permite o sentido libertar-se, onde cada um daqueles “nomes” poderá ser expresso de modo diferente, permitindo que as múltiplas e fragmentadas percepções escapem da ideia de correto e original. Em certo momento, estes acontecimentos-fantasma partem de “batalhas”, onde forças agem diretamente na ligação entre corpos e palavras, dando novo sentido a estes “nomes próprios”. Outros momentos, estes acontecimentos-fantasma partem da “morte”, onde forças buscam por matar essas ligações em prol de novas. Um processo que subtrai qualquer “ar de evidente” possível no nome superior “Projeto”. Seguimos agora com uma espécie de narração do acontecimento, onde surgem “nomes superiores”, ao mesmo tempo em que fantasmas os perseguem visando “libertar o sentido”, “contestar a identidade ou “a perda do nome próprio”.

(c) Acontecimentos em uma atividade projetual e seus fantasmas

A atividade projetual da Okupação iniciou como os demais trabalhos deste escritório, seguindo uma espécie de *script*, tudo começou com uma atividade “quebra-gelo” para aproximar o OCAS de seus novos clientes do MARL. Eles utilizaram uma dinâmica baseada no *WishPoem* de Sanoff (2001), pois costumeiramente trabalham com metodologias de *Participatory Design* para que o usuário possa auxiliar no processo de tomada de decisões. De qualquer maneira, ainda que seu processo de trabalho pareça se alimentar dos encontros, as metodologias podem apenas camuflar uma certa crença que tudo está sob-controle. Ainda que os usuários participem e possam transformar as propostas, as opções pareciam estar diante de uma confortável margem de segurança protegida pelo instrumento do projeto. Podemos exemplificar com uma das atividades no desenvolvimento do estudo preliminar. Esta atividade consistiu no emprego de uma folha sulfite A2 com a impressão da planta da construção existente, apenas com as linhas mais básicas.

Desde o início, chamava a atenção o fato de o projeto buscar o controle a partir de sua linguagem, o desenho técnico, onde nada poderia ir muito além de suas precisas linhas bidimensionais. Na atividade proposta, que visava discutir o programa de necessidades, os artistas do MARL manuseavam canetas coloridas para iniciar a discussão sobre o projeto (figura 4). O desenho era pouco a pouco entendido, no encontro entre os copos (artistas-papel), o sentido se fazia muito além do que as linhas iniciais podiam expressar. Algumas vezes os integrantes do OCAS tentaram corrigir a leitura dos artistas (controle), em relação a dimensões ou posicionamentos, porém, ideias inesperadas surgiam. Os traços coloridos começavam a nascer e, junto com eles, desejos que a planta não podia conter, como uma floresta na frente do edifício ou um grande espaço para shows (ideias que foram surgindo em suas falar e não representadas no desenho). O controle projetual contra-ataca para comunicar que não há espaço suficiente para tal ideia ou que se precisa seguir alguma norma específica. Expressão (desenho), o que se expressa (o que os arquitetos acreditam que estão

comunicando) e o expressado (o sentido que tal desenho alcança assombrado pelos fantasmas).

Seguindo o script previsto, os participantes pareciam sentir-se cada vez mais a vontade para desenhar e pensar nos futuros espaços, ajudando aos integrantes do OCAS a definir o que planejavam, como o tamanho e posição de banheiros, vestiários, sala de reunião e cozinha. Entretanto, novos encontros estavam por acontecer. Precisamos explicar antes que, até aquele momento, todas as atividades haviam sido realizadas no lado externo do edifício. O motivo é que, apesar da estrutura de seu telhado ter se mantido estável por mais de 50 anos, havia apresentado problemas em algumas junções de suas tesouras. Assim por precaução eles estabeleceram uma regra para evitar permanecer e circular no grande salão do edifício. Entretanto, em algum momento tal regra pareceu fazer menos sentido, ou talvez, ganhou outro sentido além do “sentido certo”. Por que olhavam um desenho tão abstrato se tinham o próprio edifício quase vazio a frente deles? Transgredindo esta regra, avançaram ao interior do edifício e produziram um novo encontro, mais distante do território linguístico dos arquitetos. O desenho bidimensional de linhas precisas agora parecia insuficiente,



Figura 05 - Parte do futuro surge no presente.
Fonte: Site do MARL.

os espaços ganharam novos sentidos, como mágica, apareceram no encontro os palhaços gigantes de perna-de-pau e crianças atentas ouvindo a contadora de histórias (figura 05). A vitalidade do edifício fazia questão de desconsiderar os rótulos de cada ambiente, como também, toda a programação implícita nesta linguagem.

Após este dia, o OCAS parece ter sentido as limitações da linguagem da representação bidimensional, tão reinante no território arquitetônico. Mesmo que a experiência anterior pareceu indicar que o encontro físico, choque e mistura de corpos, com o edifício parecia ser um interessante caminho, a linguagem arquitetônica resistiu. Desta vez o escritório projetou na fachada do edifício a imagem computadorizada do modelo 3D por meio de um *Datashow* (figura 06). O modelo parecia gerar boa aceitação, mas novamente o sentido estava lá para que o expressado fosse além do que queriam expressar. Assim, a ideia de “Modelo” não pôde ser desprezada, mas provavelmente



Figura 06 - Apresentação com o emprego do Modelo 3D.
Fonte: Site do MARL.

Figura 04 - Discussão sobre uma folha sulfite A2.
Fonte: autores.

tinham sentidos diferentes para cada participante da atividade. De pronto, a imagem produziu deslumbramento e fascinação devido ao perfil realista e tecnológico da ferramenta, mas foi um detalhe que levou a discussão para outra direção, entrando a tal parede na conversa.

O modelo-base que o OCAS usava, advindo de um dos levantamentos iniciais, mostrava as paredes do edifício com textura de tijolo aparente, algo que em primeiro momento foi um erro (fora do controle). As texturas destas paredes não estavam em discussão, pois, para os integrantes do OCAS, o modelo visava apenas um entendimento do espaço projetado. O modelo realista e tecnológico parecia dotado de boas intenções do modelo correto, mas um erro ou acaso, traz outro sentido para a atividade projetual e oportunidade para os fantasmas assombrarem o encontro. O modelo deixa escapar seu simulacro, a imagem da projeção plasmada na parede trouxe a linguagem de outros edifícios e desejos. Quando os okupantes se atentaram para a textura de tijolo aparente do modelo, o tema da reunião parecia ter mudado, pois com grande empolgação tomaram aquela ideia como definitiva e acertada. O script “especialista” era suplantado por vontades não previstas. Os integrantes do OCAS esperavam discutir mais a frente aspectos relacionados com aquelas paredes e o papel patrimonial do edifício, onde um debate sobre valores e recomendações patrimoniais deveriam aparecer. De alguma forma, a linguagem normativa e técnica do controle projetual não conseguiu predominar.

Por outro lado, é importante comentar que as tais paredes maciças rebocadas deste edifício, quando encontradas pela primeira vez por seus okupantes, estavam repletas de outras marcas, desenhos feitos por outros grupos que haviam o utilizado no passado (figura 07). Esses desenhos produziam sentidos diferentes entre OCAS e MARL, pois onde o primeiro via algum tipo de história a preservar, o segundo via representações de grupos ideologicamente conflitantes. Tudo isso não estava de fato na textura daquele modelo, mas fantasmas pairavam sobre suas superfícies, batalhas e morte. A decisão foi rapidamente tomada, as paredes deveriam revelar seus tijolos, ainda que alertados das dificuldades de se descascar toda aquela área e das imperfeições que o reboco deveria estar escondendo (controle). Uma vontade de ação, de que o novo encontro se produzisse (okupantes-paredes), foi mais intensa que qualquer velocidade de projeto. Repentinamente e de modo atropelado começaram a descascar as paredes. Bastava aos integrantes do OCAS redesenhar ou assumir seu modelo, agora, com paredes descascadas, afinal, o controle precisava ser recuperado. No entanto, este encontro também revelaria suas surpresas, a raspagem foi parcialmente executada, pois, realizada pelos próprios okupantes, demandou mais tempo e esforço que eles próprios esperavam. Os tijolos revelaram também muitas outras surpresas, realmente eram

mais irregulares que se imaginava, como também, havia antigas aberturas recobertas, formando uma espécie de cicatrizes no edifício. O projeto parecia desistir de controlar tais mudanças, e os próprios okupantes terminaram por produzir desenhos de “linhas azuis” (figura 08) conforme o acaso os brindava com novas oportunidades.

Após estas experiências, o próprio Escritório, por decisão conjunta, transfere-se parcialmente para o edifício, onde os alunos e professores começaram a desenhar e rever os projetos diretamente em loco. Uma espécie de tentativa morta de controle, mais evidente nos momentos em que os projetistas apenas representavam o que de fato já havia sido feito. A clara incapacidade de previsão. Por outro lado, acontecimentos novos foram possibilitados com essa transferência, pois corpos do OCAS agora se chocavam diretamente com partes do edifício e okupantes. As decisões não eram mais antecipadas, ou projetadas, mas uma nova sensibilidade sobre cada sentido do acontecimento podia emergir, sem planos ou modelos muito definidos. Uma colocação de cortina, uma parede quebrada, tudo virava possibilidade de uma intervenção não programada. O arquiteto finalmente se deixa atravessar pelos acontecimentos da “batalha” diária, indo ao encontro dos fantasmas e colocando em discussão o “Especialista” que avistava tudo das alturas. Tudo isso ficou mais claro em um dia de mutirão, alguns alunos do OCAS junto com os artistas do MARL, okupando o espaço que antes teimavam em antecipar através de modelos. Efeitos do fantasma não eram mais possíveis de plasmar no papel. Como coroamento, neste dia de mutirão, os integrantes do OCAS ajudaram com pinturas nas paredes dos próprios espaços que antes projetavam friamente no computador, propondo coletivamente e lidando com as situações não previstas do acontecimento. Uma nova sensibilidade do sentido emergia naquele momento.

Figura 07 - Parede da Okupação com os desenhos antigos. Fonte: Autores.



Figura 08 - As “linhas azuis” usadas pelos okupantes. Fonte: Autores.



Figura 10 - Os autores trabalhando neste texto dentro da okupação (novo encontro). Fonte: Autores.



Comentários finais

Após o final desta leitura, do encontro entre leitor e este texto, nos perguntamos, isto fez sentido para você? Esqueça o sentido certo, pois o sentido que o mundo nos revela está diretamente relacionado com os encontros, na possibilidade de o fantasma incorpóreo atuar. Mas nós, muitas vezes preocupados excessivamente com o corpóreo, ignoramos o que nos assombra. Para percebermos esses fantasmas entendemos que se necessita uma atenção especial sobre a linguagem, mais especificamente, sobre a diferença entre o que é expresso e o expressado. Aqui tentamos construir uma relação com o processo projetual, onde o arquiteto preocupado em controlar e representar as coisas para mundo físico ignora de fato o acontecimento. O incessante batalhar dos instrumentos de controle.

Mostramos a partir da experiência narrada, uma espécie de inocência destes instrumentos de projeto e planejamento frente ao devir dos acontecimentos, ou, dos efeitos incorporais fantasmagóricos que se manifestavam sem que os integrantes do OCAS pudessem percebê-los. De uma parede emergiram fantasmas, espécie de “rebeldes subterrâneos”, que vieram contestar o ícone do “Projeto”, o ídolo do “Especialista” e o modelo do “Modelo 3D”. Aqui a força do “K” pareceu realmente nos conduzir ao fantasma, onde contagiada pela transgressão e desconstrução, próprios desse tipo de okupação, zombou da “boa imagem” da atividade projetual do arquiteto. O grupo de artistas, mais afeitos a autogestão libertária, onde as regras deveriam

ser construídas e reconstruídas consensualmente dentro dos momentos, pareceram mais sensíveis aos acontecimentos e os novos sentidos. O projeto, baseado nas representações de modelos (modelos de projetos, de normas, de regras...), parecia interpenetrado por forças do acontecimento-puro da morte, presos a uma ideia de tempo da previsão e planejamento, ou seja, de um futuro morto no presente. Contudo, a quebra do ídolo do “Projeto” deu um novo sentido a este nome próprio e a força que atuou sobre ele, posteriormente se converteu em ação no ato em que os arquitetos e estudantes se abriram para o acaso (para a “morte” do nome próprio do arquiteto).

Esperamos que esta sensibilidade nascente nos ajude a pensar o projetar arquitetônico desde uma visão da diferença, como também os fantasmas que ali possam existir. Esta sequência é apenas um caminho possível, de qualquer modo, se desejar deverá voltar ao início e, desde um novo encontro (leitor-texto), novos e infinitos sentidos se produzirão, como uma espécie de ritornelo.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud, Marx*. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

LIMA, A. L. M. *OKUPAR, RESISTIR, INSISTIR: Uma etnografia das práticas de ocupação urbana*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

LOPES, Luiz Manoel. *Teoria do Sentido em Deleuze*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

MALUFE, Annita Costa. *Deslocamentos do sentido em Deleuze: implicações para a leitura*. ALEGRAR nº08 - dez/2011.

MARTÍNEZ MELLADO, Asunción.G. *Deleuze y la inversión del platonismo*. Tesis Doctoral, Universidad de Murcia. Departamento de Filosofía y Lógica, 1987.

MONSALVE ROMÁN, W. *Movimiento Okupa: praxis, redes sociales y formas de acción colectiva*. Dissertação de mestrado, Universidad de Chile, Santiago, 2013.

PLATÃO. *Sofista*. Trad. J. Paleikat e J. Costa. São Paulo: Victor Civita, 1972.

PIOTREK, Świątkowski. *Phantasm: between Deleuze and Badiou?* Deleuze Studies Conference, Lisbon July 2013. Capturado em <https://www.academia.edu/4038765/Phantasm_-_between_Deleuze_and_Badiou_Presentation_at_Deleuze_Studies_Conference_Lisbon_July_2013_>

POTEL, Horacio. *Platón entre Deleuze y Derrida. Simulacro ¿o? Suplemento*. Disponível em: <<http://reflexionesmarginales.com/3.0/platon-entre-deleuze-y-derrida-simulacro-o-suplemento/>>

RAJCHMAN, John. *A new pragmatism?* En: Davidson, Cynthia (ed.). *Anyhow*. Cambridge; London: The MIT Press, 1998, p.212-217.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. *Gênese e estrutura do objeto do fantasma em Jacques*

Lacan. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 16, n.2, p. 155-170, 2004.

SALES, Alessandro Carvalho. *Deleuze e a Lógica do Sentido: o problema da estrutura*. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 29(2): 219-239, 2006.

SANOFF, H. *School Building Assessment Methods*. Washington, DC: National Clearinghouse for Educational Facilities, 2001.

SONNA, Valeria. *Deleuze Lector de Platón*. *Praxis Filosófica Nueva serie*, No. 38, enero-junio 2014: 201 – 223.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2004.